



Crítica à cultura simbólica

Contraciv

Esta é uma produção independente, sem copyright, e está disponível em PDF gratuitamente.

Capa: Banksy

Como citar este livro:

Contraciv. Crítica à cultura simbólica.
Contraciv, 2021.

CONTRACIV, 2021
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG

1. Toda autoridade começa na representação simbólica

Para dominar uma realidade, o homem primeiro a representa na sua mente, onde ela é manipulada e dobrada à sua vontade. A dominação civilizatória é uma dominação total e exige uma representação simbólica total.

A representação simbólica é a alma da civilização, e suas principais manifestações são a linguagem formal e a lógica matemática. Linguagem e matemática são os meios para coordenar as ações, padronizar a técnica e criar regras para o comportamento social.

Apenas aquilo que precisa ser reprimido precisa ser representado. A representação é a alienação original, o terreno no qual se desenvolve a civilização. Seu desenvolvimento é marcado pela reificação, dependência, burocratização, desolação espiritual e tecnificação desertificadora.

A representação simbólica é relativamente recente. A arte rupestre mais antiga, por exemplo, é de cerca de 30 mil anos atrás e a linguagem formal tem menos de 50 mil anos, muito embora o ser humano já tivesse a mesma capacidade mental há muito mais tempo. O que impediu o homem de usar sua capacidade para criar representações simbólicas? Talvez uma recusa ativa, tal como a recusa ao Estado. O que faltava era uma visão de mundo que objetivasse o controle total sobre a vida.

Nossa cultura acredita ser o único remédio para males naturais como a violência, o sacrifício humano, o canibalismo, a tortura, a doença, etc... Ela precisa demonizar e diminuir a natureza para se justificar porque está, por definição, em oposição a ela. O fato é que todos os males que nossa cultura diz remediar foram criados por ela mesma.

Os seres humanos já fizeram parte desse

mundo como qualquer outro animal, e viveram tão bem quanto se pode viver. A civilização é o que nos retira de nosso mundo-próprio (umwelt) e nos coloca numa existência vazia, virtual, idealizada.

Sem acesso ao mundo humano, a experiência sensorial perde o sentido, passa a ser acusada de enganadora. O conhecimento sensível é substituído por constructos simbólicos representacionais, teorias científicas e técnicas de controle. O que importa agora não é o real, que não cabe em nenhum modelo, mas somente aquilo que pode ser organizado por regras lógicas.

A própria passagem do tempo é compreendida dessa forma. A civilização observa o passado dentro de sua própria teoria da história, linear e causal. Nossas percepções tornaram-se tão governadas e saturadas pelas concepções de tempo e espaço que perdemos a capacidade de pensar de outro modo. Pensar

fora do modelo racional civilizado se tornou um desafio comparável ao de compreender uma mente alienígena. Apenas uma demonstração do grau de nossa própria alienação.

A representação verbal é o principal meio de estabelecer, definir e manter o mundo cultural e de estruturar nosso próprio pensamento. A civilização se ergueu sob o domínio da fala e da visão, nossas principais ferramentas de controle. Mas nossa cultura as trata como principais condições para a inteligência. Como pessoas sem fala ou sem visão podem atestar; isso não é verdade.

A comunicação humana envolve todos os sentidos e depende do compartilhamento de emoções, não apenas de informações. A alfabetização nos levou à sociedade dos sentidos divididos e reduzidos. Tratamos essa perda sensorial como se ela fosse um estado natural, quando ela foi produzida pela

civilização.

A representação simbólica está intimamente relacionada ao pensamento tecnológico, que resulta em um domínio acelerado sobre o mundo natural, similar ao controle da percepção, dos pensamentos e dos sentimentos.

A arte enquanto representação simbólica se desenvolveu em conjunto com a religião e outras formas de controle do pensamento, criadas para manter unida uma vida comunitária que estava começando a se fragmentar. Não haveria necessidade de arte ou religião em um mundo não alienado. A religião e a arte são respostas às inseguranças e tensões, prometendo resolução e catarse por meio da renegociação simbólica ou reinterpretação de significados.

A autoridade centralizada desenvolveu-se a partir da posição elevada de pessoas com

acesso exclusivo ao mundo das representações. O poder simbólico é a primeira forma de poder. O Estado desenvolve-se a partir do domínio da imagem, do símbolo e da representação. É a partir de uma imagem de um passado violento, por exemplo, que se manipula o medo das pessoas para que aceitem um regime totalitário.

A dominação da vida exterior leva à destruição da vida interior. A violência voltada para fora é ao mesmo tempo infligida espiritualmente. O mundo exterior é degradado na mesma medida em que o campo perceptivo é submetido a uma redução conceitual.

2. A lógica matemática enquanto alienação

A forma mais pura de representação simbólica é o cálculo matemático. Toda nossa ciência está baseada na ideia de que a matemática é a linguagem da natureza. Nossa cultura considerou a geometria como o próprio exercício da inteligência livre das limitações do mundo material. Por isso, Platão exigia que seus alunos soubessem geometria.

Desde Platão, a instrução matemática tem sido valorizada em regimes totalitários, para os quais “A República” é o primeiro manual. Platão negou que uma sociedade sem Estado tenha algum dia existido, e sua maior influência na política é partir de uma idealização da história para justificar o Estado.

Francis Bacon reconheceu abertamente que o papel da ciência é a dominação da natureza: “conhecimento é poder”. A ciência

moderna substituiu o mundo real por um mundo de relações matemáticas abstratas. Já não descreve mais o mundo, apenas o representa simbolicamente. A tese de que o mundo é organizado de forma que há uma ruptura completa entre as pessoas e o mundo natural é a base para o renome de Descartes como o fundador da filosofia moderna. Descartes declarou que o objetivo da ciência é “nos tornar os mestres e possuidores da natureza”. Apesar de ser um cristão devoto, Descartes renovou o distanciamento da vida de um deus já evanescente que não podia mais legitimá-la efetivamente. Enquanto o cristianismo enfraquecia, uma nova ideologia central de alienação surgiu, garantindo ordem e dominação baseadas na precisão matemática.

Enquanto a natureza viva e animada morria, o dinheiro inanimado passou a ganhar vida enquanto Capital. O mercado assumiu

atributos de processos e ciclos orgânicos. Eliminar os elementos caóticos, bagunçados ou vivos favoreceu o controle governamental centralizado e a concentração de poder na forma do Estado-Nação moderno.

Leibniz, também fascinado por relógios como Descartes e Galileu, afirmou que “não há nada que foge dos números”. A objetificação completa do tempo foi atingida por Isaac Newton, que mapeava o funcionamento do universo mecânico galileano-cartesiano. Produto de uma visão severamente repressiva e puritana, que se focava em sublimar a energia sexual e transformá-la em trabalho bruto, Newton falava do tempo absoluto, “fluindo uniformemente indiferente a qualquer coisa externa”. Também para Newton, a natureza seria como um relógio.

Bach, tratando a música como uma forma de matemática, substituiu a polifonia vocal pela harmonia instrumental. Kant disse

que em qualquer teoria particular, só há ciência na medida em que há matemática, e dedicou uma parte considerável da sua Crítica da Razão Pura para uma análise dos princípios fundamentais da geometria e da aritmética.

A álgebra booleana possibilitou um novo nível de pensamento formalizado, como seu fundador ponderou "a mente humana... é um instrumento de conquista e domínio sobre os poderes da natureza circundante". Bertrand Russell queria que a matemática e a lógica se tornassem uma coisa só. Descartando a não confiável linguagem cotidiana, Russell, Frege e outros acreditavam que na redução da linguagem residia a verdadeira esperança para o "progresso da filosofia".

No final do século XIX, Lord Kelvin pronunciou que nós realmente não sabemos nada a não ser que possamos medir por meio de uma medida dotada de confiança elevada. A Administração Científica de Frederick Taylor

usou a quantificação da gestão para subjugar o indivíduo às categorias newtonianas de tempo e espaço.

Apesar de ser comum a crença de que as teorias da relatividade e da física quântica, desenvolvidas entre 1905 e final de 1920, quebraram os principais conceitos da visão de mundo cartesiana e da mecânica newtoniana, a teoria da relatividade não passa de uma fórmula matemática, e o que Einstein buscou era um campo teórico unificado por uma física geométrica. O cerne da teoria quântica, certamente, é o Princípio da Incerteza de Heisenberg, que não se desfaz da quantificação, mas exprime as limitações da física clássica em fórmulas matemáticas sofisticadas.

Enquanto o espírito humano se degrada, a inteligência artificial avança. É a própria mente humana que se parece cada vez mais com uma inteligência artificial. A psicologia

cognitiva, ecoando Hobbes, tornou-se quase totalmente baseada no modelo computacional de pensamento. O mundo degradado pela indústria só pode ser aceito na medida em que degradamos também a mente humana a ponto dela se tornar maquinal e sem vida.

3. A reificação do mundo vivo

Reificação tornou-se um termo de uso corrente, tal como definido pelo marxista Georg Lukács: a saber, uma forma de alienação que surge a partir do fetichismo da mercadoria nas relações de mercado modernas. Mas a reificação do mundo começa muito antes do capitalismo.

O processo de reificação transforma as práticas e as relações humanas em objetos exteriores. Aquilo que é vivo acaba por ser tratado como uma coisa ou abstração, e essa mudança é vivenciada como algo natural, normal, incontestável.

O mundo apresenta-se a nós, e nós o representamos. Qual é a necessidade de fazermos isso? Sabemos o que os símbolos realmente simbolizam? Seria a verdade algo que precisa ser possuído, e não aquilo que é representado? Os signos são basicamente

sinais, isto é, são correlativos; mas os símbolos são substitutivos.

A reificação permeia a cultura pós-moderna. O caráter nefasto de nossa pós-modernidade pode ser considerado como o destino da história da filosofia. Há cerca de 250 anos, o romântico alemão Novalis lamentava que “perdeu-se o sentido da vida”. O questionamento generalizado do sentido da vida somente começou por volta desse período, exatamente na mesma época em que o industrialismo fazia as suas primeiras incursões. Desse momento em diante, a erosão do sentido foi rapidamente acelerada, o que nos lembra de que a função substitutiva da simbolização é também protética. A substituição daquilo que é vivo pelo que é artificial (tal como a tecnologia) implica uma coisificação. A reificação sempre é, ao menos em parte, um imperativo tecnológico.

A tecnologia é “a habilidade de ordenar

o mundo de tal forma que não precisemos vivenciá-lo”. Em última instância, é nosso modo de conhecer em sua totalidade que tem sido deformado e reduzido dessa maneira. A “inteligência” é agora uma exterioridade a ser mensurada, equiparada à proficiência em manipular símbolos. A filosofia tornou-se a racionalização altamente elaborada das reificações. E, de um modo ainda mais geral, o próprio ser é constituído enquanto experiência e representação, enquanto sujeito e objeto. Esses desdobramentos devem ser criticados o mais fundamentalmente possível.

O mundo-da-vida reificado exclui progressivamente aquilo que o questiona. A literatura a respeito da sociedade levanta poucas questões básicas acerca da sociedade, e o sofrimento do indivíduo raramente é relacionado à própria sociedade. A desolação emocional é vista quase totalmente como uma questão de anomalias químicas cerebrais que

ocorrem espontaneamente, nada tendo a ver com o contexto destrutivo que o indivíduo é, em geral, levado a suportar cegamente sob o efeito de drogas.

A relação entre sujeito e objeto deve ter sido radicalmente diferente antes do momento em que a distância temporal começou a avançar para dentro da psique. O tempo passou a elevar-se acima de nós como uma coisa externa, um precursor do trabalho e da mercadoria, separado e dominador, tal como descrito por Marx. A reificação do tempo é uma força despresentificadora, que nos tira do presente em que vivíamos antes de sermos sugados pelo conceito reificado de história.

Foi, sem dúvida, o relógio que completou essa reificação, ao dissociar o tempo dos eventos humanos e dos processos naturais. À época de seu surgimento, o tempo já era completamente exterior à vida e estava encarnado no primeiro dispositivo totalmente

mecanizado.

Um erro comum consiste em confundir-se inteligência com cultura reificada. Considera-se que a ausência de reificação seja equivalente à ausência de inteligência. Essa confusão é agravada ainda mais quando a reificação é vista como inerente à natureza do funcionamento mental. A partir de Thomas Wynn e de outros pesquisadores, sabemos que os humanos pré-históricos eram dotados de uma inteligência idêntica à nossa. Se a cultura simbólica é impossível sem a objetificação, daí não se segue que ambas sejam inevitáveis ou desejáveis.

A perspectiva pós-moderna celebra positivamente a presença reificada da história e da cultura ao negar a possibilidade de que um estado anterior à reificação tenha existido. Tendo se rendido à representação, dificilmente se poderia esperar que investigassem a gênese da reificação.

A linguagem é a reificação da comunicação, uma mudança paradigmática que estabelece todas as outras formas de separação mental. A versão do filósofo W. V. Quine para essa mesma tese é que a reificação surge com o pronome. O símbolo assume o lugar do ser. Se para nós é impossível coincidirmos com nosso ser, argumenta Sartre em *O Ser e o Nada*, então o simbólico é a medida dessa não coincidência.

Na verdade, a linguagem avança como uma coisa exterior ao sujeito e molda nossos processos cognitivos. A magnitude dessa perda é sugerida na definição de C. S. Peirce do eu como, sobretudo, uma consistência (ausência de contradição) da simbolização. “Minha linguagem constitui a totalidade do meu eu”, concluiu ele.

De acordo com Quine, essa reificação desempenha uma função na criação de um “sistema estruturado do mundo”, ao aparar as

“arestas da experiência em seu estado bruto”. Em sua obra final, que ficou inacabada, o fenomenólogo Merleau-Ponty começou a investigar como a linguagem reduz uma riqueza original, e como ela, na verdade, vai de encontro à percepção.

A primeira reificação da cultura é o ritual, um esquema de ação objetificado e um comportamento simbólico que é padronizado e repetitivo, e que aponta decisivamente em direção à domesticação. O ritual pode ser considerado como o modelo original de cálculo da produção. Em seu trabalho de campo no sudeste da Ásia, Georges Condominas compreendeu o ritual como um componente integral da tecnologia agrária tradicional.

A cultura reificada origina-se da necessidade de um combate contra as forças da natureza. Os poderes da natureza são reificados, juntamente com os poderes de seus equivalentes mitológicos. Do animismo ao

deísmo, o divino desenvolve-se em oposição a um mundo natural retratado como cada vez mais ameaçador e caótico. As figuras de seminal importância para a religião e a cosmologia dos Maias simbolizam a Guerra, a Agricultura, o Comércio e os Tributos. Tal como Feuerbach observou, todo estágio importante na história da civilização humana começa com a religião, e a religião serve à civilização tanto substancial quanto formalmente. Em seu aspecto formal, a natureza reificadora da religião é a mais poderosa de todas as contribuições.

Max Weber afirmou que a cultura “aparece como a emancipação do humano em relação ao ciclo organicamente estabelecido da vida natural. Por esse mesmo motivo, todo passo adiante da cultura parece estar condenado a levar a uma ausência de sentido cada vez mais devastadora”. Somos esvaziados pela objetificação, nosso enraizamento e nossa

autenticidade são aniquilados. Somos como o esquizofrênico que vivencia a si mesmo ativamente como uma coisa.

Há uma frieza, uma sensação palpável de que “algo está faltando” inerente ao empobrecimento inequívoco de um mundo que objetifica a si mesmo. Pode ser que nossa única esperança se encontre precisamente no fato de que a insanidade do todo é tão evidente. O ato de desreificação precisa ser um retorno a uma vida simples. A vida petrificada no formato de coisa será incapaz de despertar sem um vasto desmantelamento deste mundo cada vez mais padronizado e massificado.

A condição na qual o sentido era vivido, e não objetificado em uma rede de cultura simbólica, precisa ser resgatada. Temos hoje a imagem de uma humanidade que viveu nessa condição. Essa participação original na natureza é a antítese da dominação e do distanciamento que constituem o âmago da

reificação. Ela nos lembra de que todo desejo é um desejo de relação que, em sua forma mais sublime, é recíproca e cheia de vida. Possibilitar essa proximidade ou presença é um projeto prático gigantesco de fazer com que a civilização chegue ao fim.

4. A cultura simbólica terá um fim

De onde vem a crença de que a representação simbólica sempre existiu ou sempre existirá? Provavelmente, do fato de que não conseguimos mais enxergar a vida, a existência e a realidade sem nossas limitadas teorias semióticas, nas quais tudo que existe parece estar aprisionado.

Mas os limites da racionalidade dominante e os danos causados pela civilização saltam por demais aos olhos para que aceitemos isso passivamente. A representação simbólica conduz a uma perda insuportável da autenticidade. Nossa busca constante pelo transcendente evidencia o efeito degradante da civilização. A perda de sentido é cada vez mais angustiante.

O controle, embora insatisfatório, imperou como principal consolo cotidiano para essa ausência de sentido. Somos capturados

pela lógica cultural da objetificação, e nenhuma nova forma de ritual ou de representação que prometa uma existência reencantada será suficiente. Mais daquilo que falhou durante tanto tempo dificilmente pode ser a resposta.

A cultura simbólica nos levou a trair nosso próprio espírito e nossa própria plenitude, rumo a um reino de cada vez mais alienação e busca de prazeres cotidianos, sem os quais perderíamos o que resta de nossa humanidade. A escolha entre nossa própria vida e a existência de civilização tornará a representação simbólica tão desnecessária quanto a produção de um sistema tecnológico totalitário.

Referências

ZERZAN, John. Correndo no vazio: o fracasso do pensamento simbólico. Contraciv, 2016.

ZERZAN, John. Essa coisa de fazemos. Contraciv, 2016.

ZERZAN, John. Número: sua origem e evolução. Contraciv, 2016.



CONTRACIV, 2021
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG